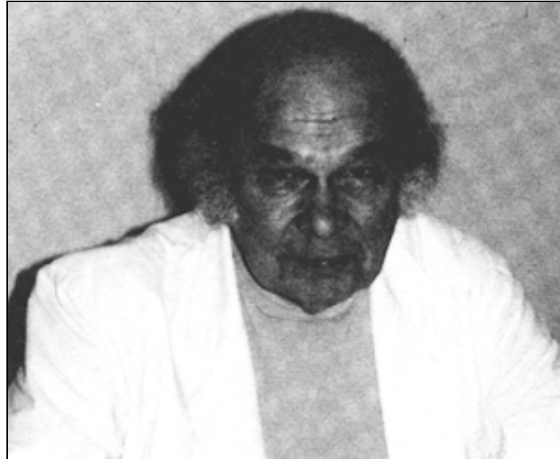


ENTREVISTA COM DONALD MELTZER*

Entrevista concedida em São Paulo, em 12 de abril de 1996, aos Drs. Mauro Gus, Ida I. Gus, Raul Hartke e Ruggero Levy.



RP – A partir de que momento, por quais motivos e de que forma Bion, segundo o Sr. observa em *A Apreensão do Belo*, encontrou seu espaço no consultório do Sr?

DM – Foi um processo muito gradual. Na verdade, não tomou forma a não ser quando empreendi a terceira parte do Desenvolvimento Kleiniano. Eu estava bem feliz, percorrendo meu próprio caminho e fazia uma idéia de Bion como uma personalidade um pouco na periferia, pois ele havia-se transferido para os Estados Unidos e não tinha contato direto com ele. Mas, o poder de seu pensamento foi gradualmente me influenciando e dei-me conta que ficava refletindo a respeito o tempo todo. Veio, então, a trilogia da Memória do Futuro e pensei que tinha começado a compreendê-lo. Seja como for, encontrei uma maneira de integrar tudo às minhas próprias formulações. Em que medida isso presta um tributo real ao pensamento de Bion, sou incapaz de afirmar, em parte porque Bion tinha por hábito ser enigmático. Isso não era apenas uma manifestação de seu caráter, mas também de seu desejo de encorajar as pessoas a pensarem por conta própria. Ler Bion, então, era mais ou menos como perguntar a alguém, à margem da estrada, na Inglaterra: “que estrada devo tomar?” Eles sempre dizem: “vá sempre em frente e você não errará”. Acabei elaborando minha própria compreensão do pensamento de Bion, para mim muito enriquecedora, e ainda trabalho nisso, especialmente seguindo a trilha que ele deixou a respeito da Grade Negativa. é uma maneira de compreender os distúrbios do pensamento no que creio estar fazendo algum progresso, porém não ao ponto de escrever um livro. Por ora, contento-me em falar sobre isso, ouvir as pessoas e estimulá-las a trabalharem nesse sentido, porque julgo que a investigação dos distúrbios do pensamento ainda não encontrou seu lugar adequado na Psicanálise. Na apresentação do seminário de hoje, por exemplo, vimos que os distúrbios do pensamento se relacionam à diferenciação entre o neurótico borderline, o psicótico e os distúrbios psicóticos. Não em termos psiquiátricos, mas em termos dos processos do pensamento.

RP – E sobre a perversão do pensamento?

DM – Esse é um termo com o qual me entretive um pouco, pois envolve toda a área do cinismo, mas não sei se é correto falar em perversão do pensamento se você estiver pensando em perversão essencialmente como sadomasoquismo. Penso que o cinismo tenha importante papel no sadomasoquismo, mas suspeito que não seja sadomasoquismo em sua essência.

RP – Em 1986, vinte anos após a publicação de “O Processo Psicanalítico”, o Sr. reconsiderou alguns pontos de vista daquele livro no artigo *The Psychoanalytic Process: twenty years on, the setting of the analytic encounter and the gathering of the transference*. Dois anos depois, em *A Apreensão do Belo*, o Sr. retoma o tema do processo analítico, então à luz do seu conceito de “conflito estético”. Isso evidentemente indica, como não poderia deixar de ser, que esse tema vem sendo sempre repensado e provavelmente reelaborado pelo Sr. Agora, trinta anos depois, gostaríamos de saber quais as reconsiderações que o Sr. tem a fazer.

DM – Acredito que foi muita astúcia, da parte de vocês, trilhar esse caminho de como o livro continua se desdobrando. Olhando, então, retrospectivamente, as principais reconsiderações realmente foram sobre o grande crescimento da categoria das desordens geográficas ocasionadas pelo desenvolvimento do conceito de claustro. Há, também, outro aspecto bastante desenvolvido, ligado à diferenciação dos vários tipos de confusão e à operação do sadomasoquismo, com particular referência às perversões sexuais ou outras. Por fim, deveriam ser adicionadas considerações sobre as desordens do pensamento não previstas naquele livro e que parecem pertencer, fundamentalmente, ao limiar da posição depressiva. Logo, se você agregasse àquele livro vários trechos publicados aqui e ali e outras coisas que lecionei, não publicadas, você teria um livro pelo menos três vezes maior. Certamente o vejo como sendo minha contribuição mais central à Psicanálise, em torno da qual outros aspectos foram acrescentados ao longo do tempo. Em certo sentido, o círculo descrito no Processo Psicanalítico encerra-se com a descrição de claustro, para meu grande alívio, pois posso me aposentar da necessidade de escrever e, de agora em diante, só escreverei por prazer. Felizmente, descobri um modo muito prazeroso de escrever, que consiste em dar aulas e seminários e fazer com que outras pessoas os escrevam. Tenho tido algum sucesso. O grupo de Barcelona publicou um livro, o grupo de Estocolmo está próximo de publicar outro e, aqui, a Dra. Maria Olympia está me dizendo, ou me ameaçando, que vão publicar um livro sobre esses seminários em São Paulo. Isso tem uma pré-história nos cursos e seminários sobre adolescência, ministrados em Perugia nos anos 70, por Carlos Bruti. Tudo isso vai se acumulando em um grau embaraçoso. é evidente, contudo, que o mais importante para mim é o trabalho clínico; ensinar e supervisionar, para mim, é recreação, mesmo quando cansativo. é muito gratificante o fato de as pessoas terem interesse por isso, embora um tanto misteriosa a razão por que se tem

sempre que incluir um elemento de moda. Bion e eu estamos na moda, atualmente, embora acredite que eu esteja seguindo no seu encaixe.

RP – Por que um analista escreve e publica?

DM – Não sei quanto aos outros analistas, mas, no caso de Bion, era um das maneiras que ele tinha de estudar e pensar. Ele era um filósofo e a escrita é a maneira que o filósofo tem de pensar. Minha escrita é, sobretudo, uma forma de comunicação e brota de um sentimento de obrigação para com os colegas de partilhar a experiência clínica. Não estou muito interessado na teoria, mas na fenomenologia da vida mental. É indispensável que os colegas, especialmente os mais jovens, tenham a oportunidade de partilhar com os mais experientes a observação da fenomenologia da vida mental. Essa é uma ciência, mais do que qualquer outra, em que você não pode fazer quase nada sem professores.

RP – Gostaríamos que nos falasse um pouco sobre sua formação pessoal.

DM – Em primeiro lugar, quando jovem, minha intenção era ser escultor. Meu pai fez o melhor para convencer-me que deveria ser engenheiro ou arquiteto e, depois, juntar-me a ele em seu trabalho. Quando tinha 16 anos, o irmão de minha primeira namorada, que era psiquiatra, deu-me, para ler, um livro de Freud sobre os sonhos que mudou de rumo minha vida e dirigiu-me à Medicina, que era exigida nos Estados Unidos para fazer Psicanálise. Quando cursava Medicina, precisamente a Pediatria, Loretta Bender deu-me Melanie Klein para ler e foi mais uma guinada em minha vida. Ao terminar a formação médica na Universidade de Nova York, fui fazer residência em Psiquiatria na Universidade de Washington, em Saint Louis, porque o catedrático, Eduard Guilday, prometeu não amolar-me; ele e a esposa, Margareth, cumpriram a promessa e concederam-me muita liberdade. Durante os anos que lá passei, tornei-me diretor da Psiquiatria Infantil. Isso foi interrompido ao ser convocado pelo Exército, durante a guerra da Coreia. Arquitetei, então, um jeito de ir para a Inglaterra, para estudar com Melanie Klein. Cheguei em 1954 e lá fiquei, desde então.

RP – Desejo comentar que a primeira vez que assisti ao Dr. Meltzer, em Buenos Aires, impactou-me a importância que dava às imagens visuais na apreensão do material clínico. O Sr. crê que isso se relaciona ao seu interesse pela escultura?

DM – Creio que a tendência à visão estrutural da mente, que desenvolvo, tem muito a ver com o trabalho de Engenharia de meu pai. A orientação à arte e à estética vem do gosto pela escultura, da apreciação de museus e do apreço que tenho por cavalos, que ocupam parte importante de minha vida. Há minha trajetória da leitura de Freud, Melanie Klein e outros autores, mas existe uma pré-história disso tudo, muito relacionada às viagens que fazia com meus pais a lugares distantes do Oriente Médio e Europa. Tal disponibilidade para ter experiências – e permitir que essas experiências tenham tremendo impacto – parece-me que tem sua pré-história nessas viagens que fizemos quando eu tinha entre sete e dez anos.

RP – No seu entender, qual a importância e função das instituições psicanalíticas para o analista praticante?

DM – Creio que são, ao mesmo tempo, algo indispensável e a maldição da Psicanálise, da mesma forma que as instituições eclesásticas são uma necessidade e uma maldição para a religião. As instituições políticas, idem. Porque estou convencido que as instituições não conseguem não ser conservadoras; elas o são, por isso esmagam a originalidade dos mais jovens.

RP – No livro *Metapsicologia Ampliada* o Sr. diz que “a Psicanálise é essencialmente uma ciência descritiva” e não explicativa, particularmente adequada ao estudo “dos fenômenos abarcados pela capacidade da mente de formar símbolos com a finalidade de representar o significado das experiências emocionais”. O Sr. considera que esse ponto de vista poderia conduzir a Psicanálise em direção a, ou mesmo torná-la uma hermenêutica?

DM – É minha opinião que a descrição dos fenômenos é a questão essencial da Psicanálise. Para tal, somos obrigados a dar nomes às coisas. Quem quiser nomear hermenêutica a uma fantasia como essa, tudo bem, mas isso dará uma impressão demasiado filosófica. A questão do ponto de vista, de abrir-se para diferentes pontos de vista, contanto que eles usem diferentes nomes, de modo a não criarem confusão, é esse, acredito, o caminho da evolução. Penso que uma das fraquezas de Freud é que não mudou sua terminologia, à medida que ia observando novos fenômenos. Melanie Klein levou longo tempo até conseguir liberar-se da terminologia freudiana e dar-se conta que descrevia novos fenômenos. Para tanto, tinha de usar nomes diferentes. Uma das forças do trabalho de Bion é que ele não teve medo de inventar sua própria linguagem poética para referir-se aos fenômenos. Teve êxito, com muita frequência, em encontrar um novo ângulo e uma nova poesia para referir-se a algo. Em outros momentos, porém, fracassou. Creio, por exemplo, que o flerte com a matemática e a tentativa de emprego de sua terminologia foi um fracasso, embora o tenha feito com muita garra e tenha ali uma referência à Alice no País das Maravilhas.

RP – Uma imagem que reputo muito bonita na *Apreensão da Beleza*, justamente em um dos últimos capítulos, é a imagem do cavalo que o Sr. elege como objeto estético. Ficou-me uma curiosidade: o que é feito de Dear Girl, filha de Highboy e Syllabus?

DM – Minha linda Syllabus... infelizmente ela morreu de forma dolorosa no quarto parto, depois de dar à luz um cavaleiro muito bonito, que também não sobreviveu sem ela e não aceitava ser alimentado por mais ninguém. Uma das tragédias que acompanham o apaixonar-se e contra as quais não há refúgio.

Tradução simultânea de **Liana Pinto Chaves**, SP
Transcrição do vídeo de **Antonio Carlos M. da Rosa**

Donald Meltzer
23 Alexandra Road
Oxford OX2 0DD, England

© Revista de Psicanálise – SPPA

* Visita de Donald Meltzer à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – 10 a 15 abril 1996.